



COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE  
Centro Cultural Banco do Brasil (CCBB) – 2º andar – Portaria 1  
Setor de Clubes Sul – SCES – Trecho 2 Lote 22  
70200-002 – Brasília-DF

Em 04 dezembro de 2014

Ao Coordenador do Arquivo,

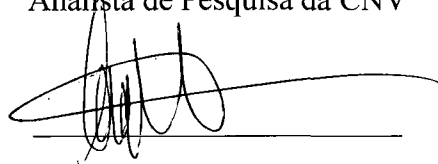
Solicito abertura de Processo Administrativo, com base no artigo 3º, incisos I e II da Lei nº 12.528, de 18 de novembro de 2011, com o objetivo de promover o esclarecimento circunstanciado de desaparecimento forçado de ENRIQUE ERNESTO RUGGIA.

Na oportunidade, solicito ainda que sejam anexados a este processo os seguintes documentos:

1. Relatório de Pesquisa;
2. Apresentação em formato Power Point, do prof. Antônio Marcos Myskiw (Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS/Realeza - PR), realizada na Câmara dos Deputados, na audiência ‘Chacina no Parque’;
3. Resumo sobre Enrique Ernesto Ruggia, produzido pelo mesmo professor, para audiência idem ‘Chacina no Parque’;
4. “CNV e SDH continuarão buscas por corpos em Foz do Iguaçu”. Matéria produzida pela assessoria de imprensa da CNV.
5. Documentos pesquisados no arquivo nacional:
  - a. BR\_DFANBSB\_ATO\_0032\_002
  - b. BR\_DFANBSB\_ATO\_0082\_0018
  - c. BR\_DFANBSB\_Z4\_REX\_0036
6. Texto Final

Atenciosamente,

Analista de Pesquisa da CNV

A handwritten signature in black ink, consisting of several loops and a long horizontal stroke extending to the right. The signature is written over a solid horizontal line.

Analu Fernandes

# Enrique Ernesto Ruggia



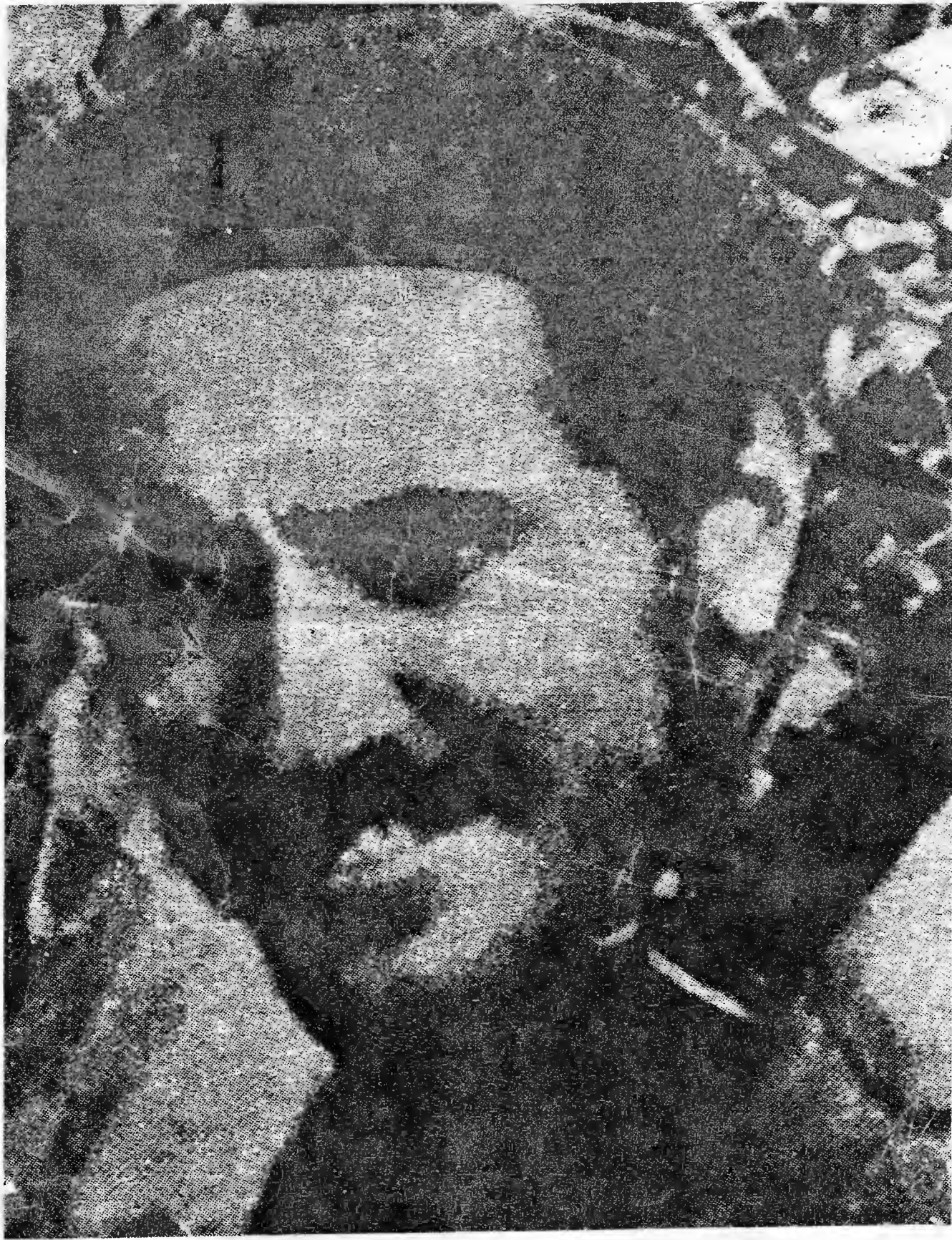


Foto do Padre Camilo Torres, feita por Enrique Ernesto Ruggi

## Enrique Ernesto Ruggia

### Acervos Consultados pela CNV:

Busca realizada pelo nome "ENRIQUE ERNESTO RUGGIA"					
Fundo	Identificação	Data	Título	Nº de pgs	Assunto
<i>CEMDP</i>	<i>BR_DFANBSB_AT 0_0032_0002</i>		Enrique Ernesto Ruggia	129	Diversos documentos coletados para processo de indenização
<i>CEMDP</i>	<i>BR_DFANBSB_AT 0_0082_0018</i>		Enrique Ernesto Ruggia	08	Pedido de informações sobre vários mortos e desaparecidos políticos, dentre eles, Enrique Ernesto Ruggia.
<i>DSI- MRE</i>	<i>BR_DFANBSB_Z4 _REX_IPE_</i>	1976	Relações Brasil Argentina	246	

O argentino Enrique Ernesto Ruggia, nasceu em 25 de julho de 1955, em Corrientes na Argentina. Ruggia era estudante de Veterinária na Faculdade de Agronomia de Buenos Aires e iniciava a profissão de fotógrafo. Um de seus primeiros trabalhos, ainda como teste, foi fotografar o padre católico e militante de esquerda, Camilo Torres. Enrique Ruggia tinha sonhos de fazer um mundo mais justo e igualitário, por meio da revolução, à exemplo de Che Guevara.

Em 1973, Enrique Ruggia conheceu o brasileiro Joel José de Carvalho integrante da organização brasileira de esquerda Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). O jovem estudante – que não pertencia a nenhuma organização e nunca tinha participado de organizações políticas – se encantou com a possibilidade de se engajar na luta guerrilheira latino-americana e veio para o Brasil, acreditando assim como seus companheiros, que participaria de uma ação revolucionária.

No entanto, Ruggia e outros cinco companheiros (Joel José de Carvalho, Daniel José de Carvalho, José Lavecchia e Vitor Carlos Ramos) morreram em uma emboscada, no Parque Nacional do Iguaçu, em 13 de julho de 1974. Onofre Pinto, que também estava no grupo que veio do exterior para o Brasil, foi morto posteriormente. Assim, Enrique Ernesto Ruggia passa a ser o primeiro argentino a desaparecer no Brasil.

Este episódio ficou conhecido como o massacre <sup>no</sup> ~~do~~ Parque Nacional da Iguaçu. Em depoimento à Comissão Nacional da Verdade, em 24 de março de 2014, o coronel reformado do Exército e agente do CIE, Paulo Malhães, afirmou que foi o líder dessa operação, em Foz do Iguaçu. Os corpos dos cinco guerrilheiros foram enterrados ali mesmo, no Parque Nacional do Iguaçu.

Desde 2010, estão sendo realizadas buscas no local com a finalidade de se encontrar os restos mortais dos militantes. Atualmente, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) já possui evidências que levam à autoria dos mandantes da Chacina no Parque. O caso poderia até ser levado à justiça pelas autoridades competentes. O que não se tem ainda são os restos mortais, que tem que ser encontrados, resgatados e entregues às famílias. A CNV, em conjunto com a Secretaria de Direitos Humanos (SDH), continua com as buscas no local. (<http://www.cnv.gov.br/index.php/outros-destaques/487-sdh-convida-cnv-para-novas-buscas-por-vitimas-da-chacina-no-parque>)





# O Sudoeste do Paraná no contexto da Ditadura Militar brasileira

Prof. Dr. Antonio Marcos Myskiw (UFFS/Realeza-PR)





O tema **DITADURA MILITAR** no Sudoeste do Paraná ainda não foi objeto da devida atenção por parte de historiadores, memorialistas, jornalistas e sociólogos. Existe um **vazio historiográfico**. Qual é o sentido deste “Silêncio” sobre o período da Ditadura Militar?

**TESE 1:** Nada aconteceu no Sudoeste nestes 21 anos de Ditadura?

**TESE 2:** Aconteceu tanta coisa que, diferentes personagens, estrategicamente, deram voz e vez a outros acontecimentos históricos, apagaram vestígios documentais, ocultaram e confundiram fatos históricos, impediram as ideias de circularem e de se afirmarem, direcionando-as ao silêncio?

A Lei da Anistia (1979): esquecer sob a pena da Lei;

O convívio cotidiano de pessoas que defenderam o Regime Militar com pessoas que moveram diferentes tipos de resistências ao Regime Militar. A desconfiança mútua. A persistência do passado ainda presente. O medo de rememorar, falar ou escrever sobre aqueles tempos incertos temendo represálias, perseguições e mesmo a morte.

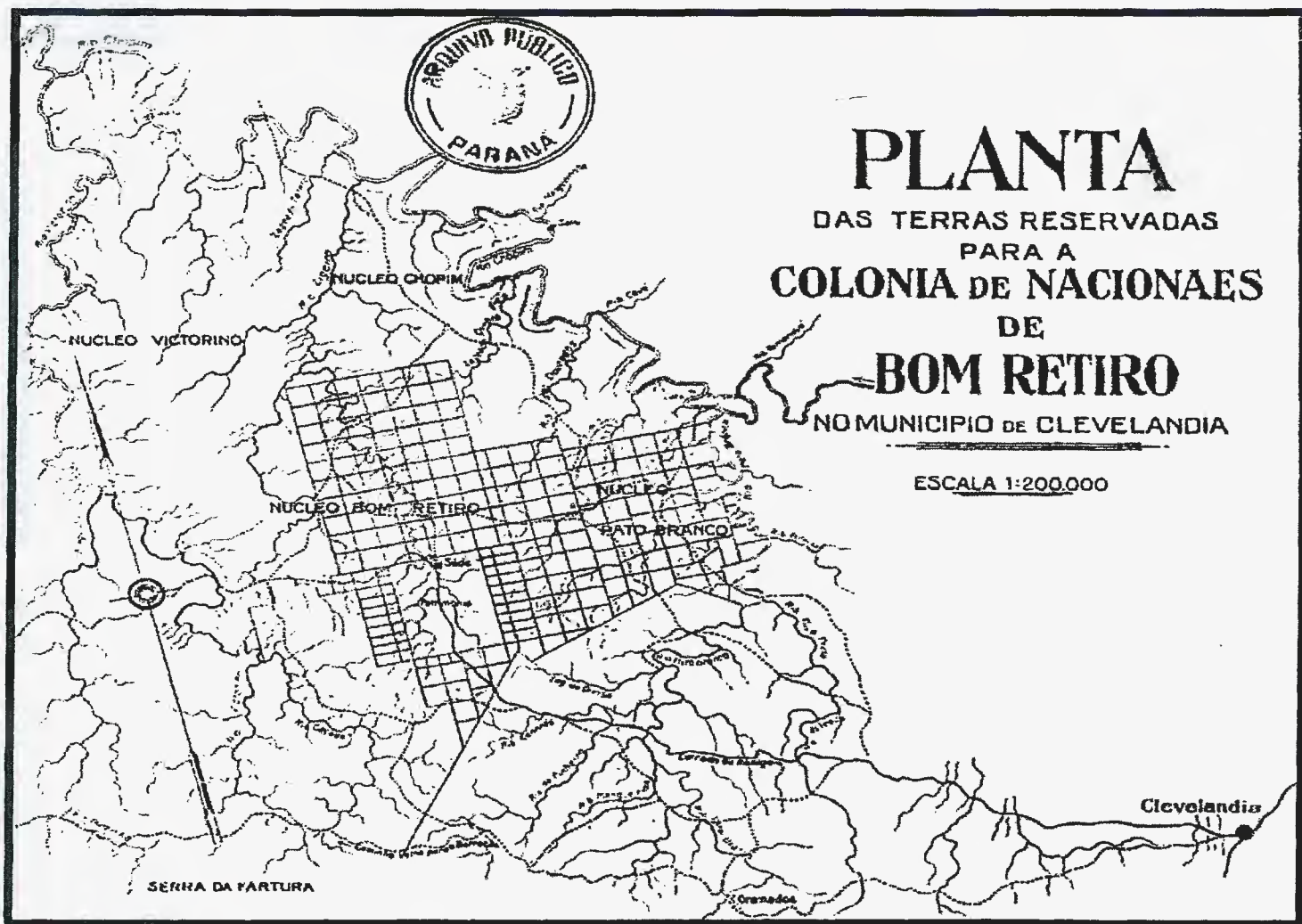


## SUDOESTE DO PARANÁ: Uma viagem ao passado.

1912/16 – Guerra do Contestado. Migração de milhares de posseiros, caboclos, indígenas, migrantes nordestinos (desempregados e expulsos com o final da CEFSP-RG no vale do rio do Peixe) e imigrantes europeus pobres para a região Sudoeste do Paraná.

Em 1918, Governo do Paraná criou a 1ª Colônia Agrícola para migrantes nacionais, desapropriando a fazenda BOM RETIRO, no Sudoeste do PR, dando origem a Pato Branco. O empreendimento foi coordenado pelo Eng. Francisco Gutierrez Beltrão. Até 1923, assentou 236 famílias (1.500 pessoas). Ainda restavam ser assentadas, segundo Gutierrez, 450 famílias.

Uma Colônia de Nacionais em pleno sertão? O que estava a operar por trás desta ação? MIGRANTES DO CONTESTADO, EXPERIENTES NA LUTA E RESISTENCIA. TEMOR DE UM NOVO CONTESTADO, AGORA, EM TERRAS DO PARANÁ.



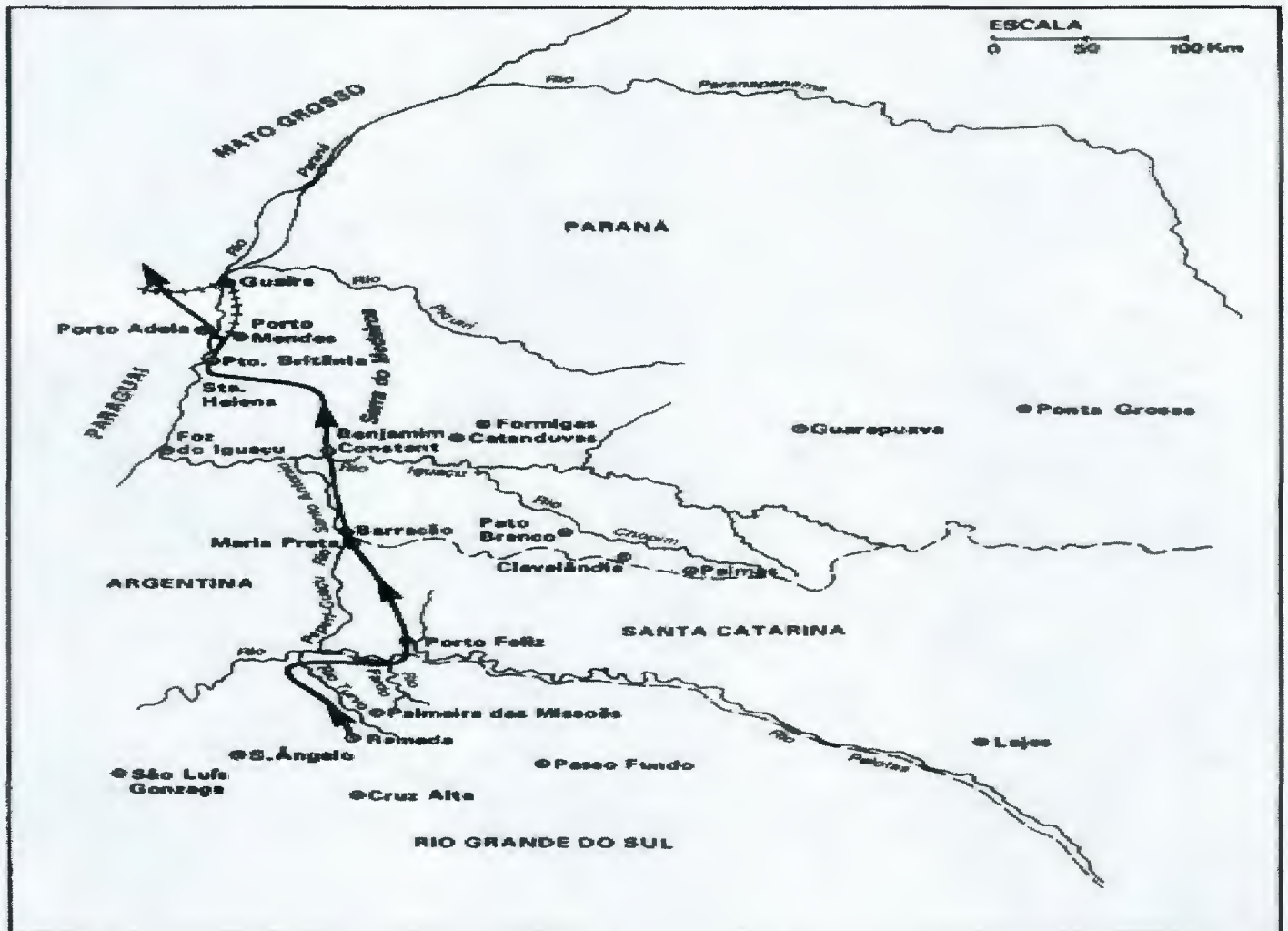
Planta das terras reservadas para a Colônia de Nacionaes de Bom Retiro



1924/25 – Coluna Prestes e forças legalistas.

Repressão a caboclos, indígenas e camponeses pobres pela adesão forçada à causa dos combatentes. Roubo de gado e comida para alimentar as tropas de soldados/revolucionários. Violências e morte a dezenas de pessoas que resistiram aos militares e revolucionários. São muitos os relatos de atrocidades, assim como os cemitérios com túmulos sem nomes.

Por outro lado, as forças legalistas e os soldados revolucionários, em seus escritos, denunciam a presença argentina em terras brasileiras (Oeste e Sudoeste), explorando erva-mate e madeira, com mão de obra cabocla, indígena e de paraguaios. Escravidão por dívidas, vida em condições sub-humanas, violências e o temor da morte. Capatazes argentinos: “Santa Cruz”, da obraje Thomás Allica.



**MAPA 3.** A travessia de Santa Catarina e Paraná pela Coluna Prestes.

Forças Legalistas em Catanduvas. Nov. De 1924.

Fonte: <http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.php?id=143200&tit=Um-Deste-entre-trincheiras-legalistas>



Fonte: Junção da coluna Prestes com a coluna de Miguel Costa, em 1925, na tríplice fronteira BR-PY-ARG. [www.colunamiguelcostaprestes.blogspot.com](http://www.colunamiguelcostaprestes.blogspot.com).





Os mensalistas, chamados de mensus, trabalhavam no regime de escravidão na extração da erva-mate.

Fonte:  
<http://aluiziopalmar.blogspot.com.br/>





Alcaprema e balsas de madeira, no rio Paraná, que seguiriam para Posadas, Corrientes e Misiones. Fonte: <http://jacolodel.blogspot.com.br/>





## GETÚLIO VARGAS: O Sudoeste no contexto da nacionalização das fronteiras.

1930-34 – Reconhecimento dos cenários fronteiriços. Narrativas reafirmando a desnacionalização. “Argentinização” (língua, educação, dinheiro, imprensa, transporte, mercado de consumo, lazer, ...).

*“Atravessamos o rio Ocohy, que se devia grafar ‘Oco-ü’, pois ‘ocô’ é o nome de um passarinho raro, aquático, e ‘ü’, significa água, em guaraní. Escolhemos parar na ‘obraje’ Sete de Setembro, do Senhor Eugenio Caferata, argentino. O senhor Caferata trabalha com 120 homens, sendo 82 paraguaios e 38 argentinos. O único brasileiro existente neste recanto do nosso Brasil é um soldado de polícia ali destacado, que, aliás, é casado com uma paraguaia e seus filhos falam... o guaraní.” (José de Lima Figueiredo - Oeste Paranaense, 1937, p. 104)*

1935-37 – construção do projeto “Marcha para Oeste” (Cassiano Ricardo, ideólogo): colonização da região de fronteira a Oeste do Brasil, via instalação de COLÔNIAS AGRÍCOLAS NACIONAIS.

1938-43: instalação da Colônia Agrícola Nacional General Osório (CANGO) no Sudoeste do PR. O projeto original era fundar a Colônia Agrícola no lugar chamado “SEPARAÇÃO”, próximo à fronteira PR-SC e com a Argentina. As dificuldades surgidas (abertura de estradas) e o volume de habitantes existentes nas florestas de Pato Branco e arredores, levaram à reavaliação do projeto inicial, propondo a sede da Colônia Agrícola junto ao rio Marrecas (hoje, batalhão do Exército, em Francisco Beltrão).





1943/46 – Território Federal do Iguaçu (65.854 km<sup>2</sup>; 96.854 habitantes.)

Mesmo com a resistência de políticos, empresários e fazendeiros relutando em aceitar a divisão territorial, com o ato de Getúlio Vargas, a CANGO ganhou notoriedade e visibilidade como órgão oficial de povoamento da região de fronteira. A migração de colonos gaúchos e catarinenses teve aumento significativo: 1947 – 476 famílias; 1948 – 886 famílias; 1949 – 1.068 famílias; 1951 – 1.845 famílias cadastradas e assentadas. Aproximadamente 8.000 habitantes.

Caboclos e posseiros, após serem assentados, passaram a negociar suas áreas coloniais com gaúchos e catarinenses. Armas, animais, dinheiro, como moeda de troca. Apenas 35 famílias tiveram suas áreas coloniais medidos e demarcados definitivamente até 1951. As demais 1.810 famílias ocupavam lotes apenas “apontados” entre os rios Capanema, Cotegipe, Ampére, Santa Rosa, Herval, Tunas, Marrecas, ...

Muitos posseiros e caboclos, ao negociarem suas áreas de terras, migram para a região de Realeza, Pérola do Oeste, Planalto, Capanema, ainda coberta de florestas (ervais e pinheirais).





## 1947/57: CONFLITOS AGRÁRIOS NO SUDOESTE.

EMBATE JURÍDICO sobre as terras da Gleba Missões e Chopim. PR-União-Braviaco-Rupp. Títulos provisórios de posse das terras foram expedidos pela CANGO, pois, quando de sua instalação, já era conhecido o litígio sobre a Gleba Missões.

**Aumento da tensão no Sudoeste em meados da década de 1950.** Moisés Lupion, Governador do PR, criou um cartório de registro de imóveis em Santo Antonio do Sudoeste para legalizar a venda das terras supostamente pertencentes a José Rupp para a CITLA (Clevelândia Industrial e Territorial Ltda).

**Início dos conflitos agrários.** Ações de despejo, expulsões, violências físicas, psicológicas e assassinatos passaram a ser constantes a colonos e caboclos assentados pela CANGO. Chegaram ao limite em outubro de 1957, quando, a população rural e urbana resolveu resistir às arbitrariedades que estavam sendo cometidas pelas empresas de colonização que diziam ser as legítimas proprietárias das terras.



CINCO dos este mortes (um deles não aparece na foto) nada tinham a ver com a sangrenta disputa. Eram simples "carões" da camionete fúnebre. Receberam tiros, facadas e foram aquecidos, na mais brutal emboscada empreendida pelos colonos.



A vitória de colonos e posseiros, no Sudoeste do PR, não ocorreu com a expulsão das empresas de colonização. Ocorreu quando, em 1961, o Governo Federal desapropriou as terras em litígio, tornando-as de utilidade pública. Criação do GETSOP para promover a regularização fundiária.

Alguns memorialistas e historiadores dizem que este conflito agrário foi o primeiro, no Brasil, a ter êxito em suas finalidades: acesso à terra. “PRIMEIRA EXPERIÊNCIA DE REFORMA AGRÁRIA NO BRASIL” (Hermógenes Lázier).

1961/63: tempos de incertezas pelos colonos e posseiros. Expectativas não atendidas de imediato. EXTRAÇÃO DE MADEIRA e comercialização das mesmas junto às serrarias.

1963/73: GETSOP realizou a medição de 56.917 lotes urbanos e rurais. Expediu 43.383 títulos de propriedades de terra (30.970 em áreas rurais; 12.413 em áreas urbanas). Colonos e posseiros pagaram pelas terras, mediante preços acessíveis e parcelados.



Pequena propriedade rural.





Ditadura Militar no Sudoeste do PR: um sobrevôo panorâmico.

Golpe de 1964. Politização da população urbana e, também, rural, no Sudoeste do PR, em torno das reformas de base e na continuidade da demarcação das terras pelo GETSOP.

### Brizola, “Grupo dos Onze”.

Em municípios, vilas e povoações, os movimentos de resistência à Ditadura, num primeiro momento, surgem a partir dos escritos e discursos de Brizola e a orientação de criar “Grupos dos Onze”. Nos arquivos do DOPS-PR, constam existir Grupos dos Onze em Capanema, Planalto, Santo Antonio do Sudoeste, Dois Vizinhos, Francisco Beltrão e Ampére.

Antonio Rosin – Capanema.



SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
Serviço Postal e de Radiocomunicação

Estado do Paraná

RADIOTELEGRAMA

70  
Carilgo da Estação  
*[Handwritten initials]*

Procedente de P. BRANCO PR Nr. 38 Fls. 45 Dt. 6/3 Hr. 4.30  
Estação V7 D As 17.30 DAS JIVO

N.º de Controle

SR. DR. CHEFE DIV. POLICIAL INTERIOR

N.º 78801

CURITIBA PR

ESTADO DO PARANÁ  
SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
DE POLÍCIA MILITAR  
Prot. N.º 1578  
13  
3  
64

TEXT E ASSINA TU

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA  
11 MAR 64  
EM VÁRIOS MUNICÍPIOS PT SDS  
PROCOLO  
NO 08633

STO JAH TER SE CONSTITUINDO NUMERO REGULAR EM TODA  
REGIÃO VG DOS (GRUPO DOS ONZE) PROJ. BRIZOLA CUJA  
FINALIDADE OCULTA VG SOLICITO V S, INTRUÇÃO RESPEITO  
ANTO JAH TER FEITO LEVANTAMENTO DESSES GRUPOS VG  
EM VÁRIOS MUNICÍPIOS PT SDS  
TEN CEL ANTUNES FILHO CHEFE SDP

*[Handwritten signature]*  
7 de Set. Pol.  
Amil  
Em 9-3-76  
*[Handwritten signature]*  
W S

77586.65



CÓPIA DO TELEGRAMA QUE FOI ENVIADO POR ANTONIO ROSIN ao Deputado  
LEONEL BRIZOLA:

Exm<sup>o</sup>. Smr. Leonel Brizola

Rua Mayrink Veiga 15 - Rádio Mayrink Veiga

Rio de Janeiro - Guanabara

Informo V.Excia. que está sendo instaurado inquérito  
policiaI contra nossos movimentos nacionalistas pt Veio  
Delegado Especial Curitiba pt Mais informações darei pes-  
soalmente em Uruguiana quando realizar grande comício dia  
28 corrente ato também que farei entregue atas comando na-  
cionalista pt sds. Antonio Rosin - Capanema - Pr.

RELATÓRIO DA SINDICÂNCIA EM CAPANEMA

Do Delegado ARGEM SARAIVA

Ao Sr. Secretário de Segurança Pública do Estado.

Ao E. S. P. 11/68  
Capanema

Por determinação do Sr. Secretário de Segurança Pública, fui enviado ao município de Capanema a fim de sindicarem as atividades dos chamados "Grupos dos Onze" que, segundo informações de pessoas residentes naquele município, o indivíduo de nome ANTONIO ROSIN estaria ameaçando e perturbando a ordem pública na região denominada "Lagoado Pavão" onde é o mesmo agricultor e o Chefe-Geral dos movimentos dos referidos "grupos". - Da sindicância realizada por esta autoridade ficou esclarecido que:

- 1 - que cinco ou seis "Grupos dos 11" que foram organizados no "Lagoado Pavão" são por determinação do agricultor ANTONIO ROSIN que se diz chefe e a mandado do Deputado LÉONEL BRIZOLA, ocasião em que aquele entrega uma lista de ata de adesão a um determinado lavrador e este põe o seu nome e já está legalmente inscrito no movimento que, a princípio, Antonio Rosin, dis. ser: Nacionalista, a favor da Reforma Agrária e dos colonos.-
- 2 - Pequenos "Grupos" foram organizados, não passando de cem homens arriamentados por Antonio Rosin, pelo o criminoso Miguel Alves Rodrigues, pelo o antigo chefe da revolta naquele município de nome João Parizette, por Jorge Torres, por Claudino Borges, por José Norberto De Lais, por SANTO ROSIN e pelo o agitador João Luis Lantart, que é o Presidente do PTB de Capanema e foi o principal chefe da revolta ocorrida naquele município.-
- 3 - Antonio Rosin e os demais assinantes (assinantes) das listas de atas, declaram-se contra o comunismo e alegam serem apenas nacionalistas e Brizolistas, declarando-se ainda contra qualquer perturbação da ordem pública e de compra de armas.-
- 4 - O vereador João Luis Lantart, que é candidato a-prefeito pelo seu partido o PTB, não atendeu a intimação.-
- 5 - Antonio Rosin, que é candidato a vereador pelo PTB de que é o presidente na linha "Lagoado Pavão" onde mora, foi expulso do Sindicato Rural que é dirigido pelos Padres locais.-
- 5 - Walter Egard Galle e Eduardo Hann não assinaram as listas de atas.-
- 6 - Jorge Torres e Claudino Borges dizem que pagam qualquer soma em dinheiro para se afastarem e tirarem os seus nomes das listas.-
- 7 - O Sindicato Rural cobra cr\$ 200,00 mensais de cada colono, como nos declarou o lavrador WILDEMAR ADORYAN do "Lagoado Camboim".-
- 8 - O agricultor ANTONIO ROSIN ao ser interpellado por esta autoridade de que havia ameaçado de morte um outro lavrador de nome ELOY FROHLICH, negou completamente a versão, mas diz que não é amigo e nem inimigo do mesmo, que mora em suas terras no "Lagoado Pavão".-
- 9 - Antonio Rosin disse a esta autoridade de que o dia em que Leonel Brizola manifestar-se tendências comunistas, será o primeiro abandoná-lo e assin também os movimentos dos "Grupos dos Onze".-
- 10 - Antonio Rosin é homem de posses e tem vinte e um alqueires de terras naquela região onde reside e alguns cultivados.-
- 11 - Todos os homens que fazem parte dos chamados "grupos dos onze" são colonos que possuem terras cultivadas na região de Capanema.-

12 - Os Padres da região com quem esta autoridade teve oportunidade de conversar, dizem-se radicalmente contra os citados movimentos, ao ponto dos padres de Capanema expulsarem o indivíduo Antonio Rosin que antes fazia parte do Sindicato Rural, onde foi este tachado de COMUNISTA.-

13 - Esta autoridade em palestra com o Dr. Antonio Carlos Schiebel, Juiz de Direito da Comarca de Santo Antonio, este afirmou que na sua Comarca que abrange nada menos de oito ou nove municípios nada havia chegado ao seu conhecimento sobre os "Grupos dos Onze" e não acreditava que os mesmos grupos chegassem ao ponto de perturbarem a ordem pública, muito embora os fazendeiros e pessoas que não fazem parte desses movimentos, temam por desordens dos "grupos".-

14 - Assim, Sr. Secretário, apresento este pequeno relatório a respeito dos chamados "Grupos dos onze" e suas atividades, acreditando que os movimentos liderados pelo o indivíduo "Mito Vivo" Antonio Rosin, não obtem ao ponto de praticarem arruaças, principalmente, pelo fato desta autoridade tê-los levados a Delegacia de Polícia de Capanema, onde tomou a termo os seus depoimentos e declarações a respeito das ameaças de morte que teria partido de Antonio Rosin e de Claudino Borges, de cujos nomes esta autoridade bateu fotos e vão anexados ao presente.-

15 - Com a retirada das munições e armas que estavam guardadas na Delegacia de Polícia de Capanema e no Destacamento Policial e foram levadas para a Delegacia Regional de Santo Antonio, criou uma clima de pavor e de medo entre os moradores de Capanema, principalmente, pelo fato desse armamento terem sido retirados do destacamento à luz do dia e sem qualquer sigilo e esse fato ficou conhecido ao conhecimento dos "Grupos dos Onze" que já estão falando na região dales que a Polícia local ficou desaparelhada, pelo que os moradores pedem providências no caso.-

Des. senhor Secretário, o meu relatório.-

Capanema, 13 de Março de 1.968.-

ARGEM SARAIVA  
Delegado



“Operação Três Passos” (25/26 de março de 1965).

Guerrilha rural em ação.

Insistindo na via armada para um contra-golpe, Leonel Brizola forneceu apoio a um grupo que partiu da cidade gaúcha de Três Passos em direção ao Mato Grosso. A expectativa inicial era de que a referida coluna, então liderada pelo ex-coronel Jefferson Cardim e composta por outros dezessete guerrilheiros, conquistasse novos apoiadores para que a ação tomasse corpo. No entanto, quando chegaram à cidade paranaense de Capitão Leônidas Marques, os envolvidos foram surpreendidos e presos por tropas do Exército.

Todos foram torturados no Batalhão do Exército em Foz do Iguaçu.

Barracão, Santo Antonio do Sudoeste, Capanema, Santa Lúcia foram lugares de parada estratégica. Tiveram apoio de colonos em vários momentos da viagem.

**Conversa com o leitor**

Devemos de imediato, também, a lembrar que o governo do Brasil não tem nenhuma intenção de permitir a entrada de tropas estrangeiras no Brasil, e que a única possibilidade de intervenção estrangeira no Brasil é a possibilidade de que o Brasil seja obrigado a aceitar a intervenção estrangeira, e que a única possibilidade de que o Brasil seja obrigado a aceitar a intervenção estrangeira é a possibilidade de que o Brasil seja obrigado a aceitar a intervenção estrangeira.

JUSTINO M. MARQUES



Um dos Mercedes das guerrilhas quando passaram pela mata no rio Iguaçu.



Viu os rebeldes, não os capturando pelas forças legais, não pode contar o pranto (chivo) de seu...



*Para estes prisioneiros terminou melancolicamente o que a princípio era uma aventura. Com as mãos atadas por trás das costas, eles perderam a atitude confiante do início e ficaram com a imagem do desalentado.*



*Foram interrogados e nenhum deles sabia dizer ao certo por que motivo realmente sequestraram o ex-Coronel Jefferson Cardin e o Sargento Alberi.*





Capturados pouco a pouco, os guerrilheiros do Sargento Albergi estão sendo interrogados pelas autoridades militares em Foz de Iguaçu. Relembra aqueles que lutavam com a maior pobreza, muitos sem formação, matos, ignorantes e de inteligência rudimentar, fácil foi seduzi-los a participar de aventuras.



Moacir  
Machado

Vergílio  
Soares  
de Lima

Odilon  
Vieira  
Bruna

João  
Antônio  
Jaques

Arsenio  
Blatt

Reinoldo  
Von Groll

Valdear  
Antônio  
Dornelles

Euzébio  
Teixeira  
Dornelles

João  
Batista  
Figueira

Abrão  
Antônio  
Dornelles

soldados. Jefferson foi preso quando ainda se encontrava na casa do colono.

No caminho de Foz do Iguaçu, fazem uma parada no destacamento onde servia o sargento morto. Jefferson é retirado e por ordens do capitão Dorival Sumiani, atirado no chão, passando a receber pontapés dos soldados.

"No chão, com o rosto ensanguentado, o capitão deu ordens para que me cuspissem no rosto:

- Escarrem na cara deste filho da puta, comunista, assassino.

- Depois, o capitão colocou o coturno sobre a minha cara e mandou que eu beijasse a terra, bradando:

"Beija a terra que traíste, comunista, assassino". Ainda pegou um garfo de campanha e ficou me espetando, desde os pés até o pescoço.

- Todo esfolado, me fizeram rolar de volta até a viatura e continuamos a viagem." (130)

No caminho para Foz do Iguaçu, cerca de meia noite do dia 27 para o dia 28 de março, encontram um assessor do general Justino, major Hugo Coelho. Junto com este oficial, o grupo que levava Jefferson o submeteria a um fuzilamento simulado antes de chegarem ao destino.

A prisão do ex-coronel Jefferson seria relatada de forma totalmente diferente pela Revista Manchete da semana seguinte à

porque temia-se que os soldados, revoltados com a morte do sargento pudessem matar o guerrilheiro (140).

Este mesmo repórter narraria a chegada de Alberi a Foz do Iguaçu, de forma a consolidar para o público a imagem do guerrilheiro perigoso:

"No dia 2 de abril, com o rosto deformado, coberto de hematomas, Alberi chegou a Foz do Iguaçu, onde foi imediatamente interrogado. A despeito do espancamento, não se mostrava intimidado e respondia com presteza às perguntas que lhe iam sendo feitas por um sargento do Exército. Durante todo o tempo, ele olhava em redor, curioso, procurando medir o alcance causado pelas suas palavras. Disse assumir a responsabilidade pelo que fizera, só tendo falhado, declarou, "porque deu azar". Quando um oficial apareceu e lhe fez uma pergunta irônica, indagando se havia caído do caminhão que o trouxera prisioneiro e se machucado, o ex-sargento não se deu por achado. Retrucou, também em tom irônico:

- Isso mesmo. Cai do caminhão.

(...)

A impressão que dava era dolorosa. Ninguém diria estar diante de um homem que durante dias inquietou a nação e obrigou as forças armadas a mobilizar contra ele um formidável dispositivo de terra e de ar. (...)" (141)

Urgente

REQUISIÇÃO DE BUSCA Nº 100/SNI/ARW  
(SS17-039/28 Jan 66)

1. DADOS RECEBIDOS:

a. Consta que há cerca de 4 Km da cidade de AMPÉRE, PR, estão localizados, digo homiziados, os indivíduos JORGE EDUARDO MARTINS, CONCALVES GERRIOS e FLORENTINO ROSÁRIO (este esteve ou está em PALMEIRA), todos de nacionalidade argentina, comunistas / que estariam recebendo dinheiro de MOSCOU, ligados aos contra-revolucionários peronistas e aos G-11 no BRASIL.

b. Consta que pessoas idôneas, de grau de cultura médio ou superior, têm relatado que a maioria da população masculina e velha de AMPÉRE é militante comunista, sendo grande a doutrinação marxista naquela localidade do Oeste paranaense. AGOSTINHO NOATO e ANTONIO FAGUNDES DE MEDEIROS, respectivamente ex-prefeito e ex-vice-prefeito, são comunistas ostensivos. Foram pronunciados por corrupção e subversão, mas, libertados mediante "habeas corpus", fugiram para a ARGENTINA e estão homiziados na região de MISSIONES.

c. Foram vistos na região de MISSIONES, os seguintes elementos: RAIMUNDO LOPES DAMASCENO - ex-3º Sgtº FM(AI/I), paraquedista com conhecimentos de táticas de guerrilha. Visto em SAN JAVIER e outras cidades;

JOSE TEODOSIO ALENCAR (sacerdote?). Passaporte visado para ESPANHA, PORTUGAL, ALEMANHA e VENEZUELA. Envolvido em atividades subversivas em CORUMBÁ. Visto em POSADAS e outras cidades;

FERNANDO CLMARGO ("FERNANDINHO"). Ligado a DALILO QUINTINO PEREIRA. Controlava os G-11 de RIO DAS ANTAS, município de / Stº ANTONIO. Amargurado pelo abandono a que foi relegado, disse a alguém que estava disposto a voltar ao BRASIL, arcando com as consequências e disposto a relatar tudo que sabia a respeito dos organizadores dos G-11 no Oeste osterinense e paranaense.

As Sub-Oficiais MELO, da FM de SANTA CATARINA, sediada em .. DIONÍSIO CERQUEIRA, e chefe da gendarmaria argentina em BERNARDO IRIGOIN, ofereceu "FERNANDINHO" preso, na fronteira.

Consta que o Cap NOLASCO, que regressaria a 7 Jan 66 a DIONÍSIO CERQUEIRA, iria tomar providências a respeito.

2. SOLICITAÇÃO:

-Constatar a veracidade do informe e atividades dos indivíduos referidos.

Cópia  
Confere com o original  
Em 17-Mar-66

Edgard R. Riecke 1º Ten.  
Edgard R. Riecke 1º Ten

±

1966 – Suposta presença de guerrilheiros “comunistas” argentinos no Sudoeste (Ampére-PR).



## Caminho do Colono – Parque Nacional do Iguaçu

Década de 1960, áuge do movimento migratório do Sul para a região Oeste do Paraná, cujo caminho principal era o Caminho do Colono, que cortava o Parque Nacional do Iguaçu.



Fotografias: acervo pessoal de Angelo Ampessan e Leila Lopes, de Capanema

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA





Década de 1970: Repressão, torturas e intimidação no Sudoeste do PR.

- Contrabando de armas, munições e de dinamite em Santo Antonio do Sudoeste e Barracão, oriundos da Argentina ou (dinamites) desviadas das obras da ITAIPU; Tortura de pessoas, em delegacias, em Chopinzinho e Pato Branco; Investigações à Assesoar, ONG que dava assistência à pequenos proprietários de terras; Sindicatos dos trabalhadores rurais, tentáculos da intimidação e repressão da Ditadura Militar entre colonos.

- **julho de 1974.** Chacina do Parque Nacional do Iguaçu. Km 6. Relatos de Aluizio Palmar: “No momento em que a maioria dos exilados já havia desistido da luta armada, Onofre, Lavéchia, Daniel, Joel, Victor e Ernesto voltaram ao Brasil sonhando com a implantação da guerrilha ao estilo do Che. Voltaram embalados por promessas enganosas articuladas pelos chefões do Centro de Informações do Exército e levadas até eles pelos “cachorros” a serviço da repressão. Doces ingênuos que acreditaram nas mentiras de Alberi, na existência de bases camponesas para retomada da luta armada revolucionária.



## ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.

A região Sudoeste do Paraná e aqueles que nesta região viveram, durante parte significativa do século XX, presenciou distintos cenários de conflitos. A resistência aos tempos incertos, em muitos momentos, foi levada a cabo pelos habitantes pegando em armas, partindo para o embate ou planejando e executando ações de tocaia e guerrilha.

Eram pessoas simples, em sua maioria colonos, mas que sabiam ler e pensar (às vezes com auxílio de outras pessoas) o contexto histórico nacional e regional em que viviam.

Os militares tinham receio de que levantes armados viessem a surgir devido à experiência vivida pelos sudoestinos, ainda mais, com a atuação de movimentos de esquerda (MR-8, grupo dos onze)

Resistir não era uma opção. Era a única opção.

Quinta, 22 de Maio de 2014 às 09:24

Curtir

1



## CNV e SDH continuarão buscas por corpos em Foz do Iguaçu



### Expedições deverão ser retomadas em agosto

Em Audiência Pública na Câmara dos Deputados, realizada nesta quarta-feira (21/05), Rafael Schincariol, da Comissão Especial sobre Mortos e Desaparecidos (CEMDP), da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República, anunciou que a Comissão Nacional da Verdade e a CEMDP realizarão expedições no início do segundo semestre no Parque Nacional, em Foz do Iguaçu, em busca dos corpos das vítimas da chacina ocorrida no parque. "Temos a obrigação legal de não medir esforços para encontrar desaparecidos políticos. Vamos continuar os trabalhos e retomar as expedições junto da CNV", disse.

A audiência, presidida pelo deputado federal Assis do Couto, contou com a presença de Rosa Cardoso, membro da Comissão Nacional da Verdade, representantes da Secretaria Nacional de Direitos Humanos (SDH-PR), autoridades ligadas à promoção de Direitos Humanos, jornalistas e familiares das vítimas.

Ocorrida na região da fronteira entre Brasil, Argentina e Paraguai, em 1974, a Chacina no Parque, como ficou conhecida, foi uma emboscada, organizada pelo Exército, no interior do Parque Nacional. Cinco militantes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), Onofre Pinto, os irmãos Daniel e Joel de Carvalho, José Lavecchia e Victor Ramos e o argentino Enrique Ruggia foram assassinados. Até hoje não foram encontrados seus restos mortais.

Rosa Cardoso, que há dois meses ouviu o coronel Paulo Malhões, militar que assumiu ter participado do caso, revelou que a Comissão já possui provas que levam à autoria dos mandantes da Chacina do Parque, e que o caso poderia até ser levado à justiça pelas autoridades competentes. "O que não temos ainda são os restos mortais, que temos que resgatar e encontrar", afirmou.

Ivan Seixas, coordenador da Comissão da Verdade do Estado de São Paulo "Rubens Paiva", fez um relato das buscas aos corpos da Chacina no Parque, investigação que acompanha desde 2010. O ex-presos político ressaltou que a CNV nunca deixou de lado as buscas aos corpos e a investigação dos envolvidos. "Para além da importância do caso, eram todos nossos amigos. A cada novo passo, as famílias dos envolvidos são informadas. Não desistiremos até encontrá-los", afirmou.

Aluizio Palmar, autor do livro "Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?", sobre a chacina no Parque, havia questionado a CNV e a CEMDP sobre a atuação no caso, e Ivan e Rosa esclareceram que a CNV não parou com as diligências em Foz. Após audiência em Foz do Iguaçu, em junho de 2013, a CNV ouviu um dos envolvidos na chacina meses depois e percorreu a região novamente. Em março deste ano, questionou Paulo Malhões diretamente sobre o caso. Em abril, a CNV manifestou-se contrária ao projeto de reabertura da estrada do Colono, que corta o parque, por entender que tal medida prejudicaria as buscas.

Juliana Dal Piva, jornalista, reclamou que jornalistas, a CNV e o Ministério Público Federal ainda têm dificuldade em obter informações diretamente das Forças Armadas. A repórter investiga casos como o da Casa da Morte em Petrópolis e a Chacina do Parque, e entrevistou várias vezes o ex-coronel Paulo Malhões, autor confesso da chacina. "Ouvi o Malhões por mais de seis horas. Ele se orgulhava muito de ter trabalhado como agente secreto do centro de informações do exército e de ter trabalhado com infiltrados", afirmou.

Acesse os vídeos da audiência pública no [SITE DA CÂMARA DOS DEPUTADOS](#)

**Comissão Nacional da Verdade**  
**Assessoria de Comunicação**

Mais informações à imprensa: Thiago Vilela  
(61) 3313-7324 | [COMUNICACAO@CNV.PRESIDENCIA.GOV.BR](mailto:COMUNICACAO@CNV.PRESIDENCIA.GOV.BR)

Acompanhe a CNV nas redes sociais:



04/12/2014

CNV e SDH continuarão buscas por corpos em Foz do Iguaçu - CNV - Comissão Nacional da Verdade

[WWW.TWITTER.COM/CNV\\_BRASIL](http://WWW.TWITTER.COM/CNV_BRASIL)

[WWW.YOUTUBE.COM/COMISSAODAVERDADE](http://WWW.YOUTUBE.COM/COMISSAODAVERDADE)

Detalhes

## Enrique Ernesto Ruggia

Nascido em 25 de julho de 1955, na cidade de Corrientes, Argentina. Filho de Ana Violeta Bambula e Atílio Carlos Ruggia, oficial da Gendarmaria, aposentado aos 26 anos, após diagnóstico de esclerose múltipla. Enrique Ernesto e Lilian Ruggia, sua irmã mais velha, ainda na adolescência, tornaram-se militantes de esquerda. “Parece que ele tinha uma militância aproximada ao peronismo que eu desconhecia”, relembra Lilian Ruggia em depoimento à Comissão de Anistia do Brasil para o projeto “Marcas da Memória”.<sup>1</sup> Continua Lilian: “Quando terminamos o segundo grau, viemos estudar em Buenos Aires. Eu vim estudar psicologia e Enrique, um ano depois, veio estudar veterinária. Vivíamos em um apartamento de estudantes, um apartamentinho de dois ambientes que meus pais alugavam para que nós morássemos como estudantes. Eu trabalhava e estudava, e Enrique também. Ele mais livre, sempre; eu mais estruturada”.<sup>2</sup>

Em 1973, na fazenda experimental da Faculdade de Agronomia e Veterinária de Buenos Aires (zona rural de Santa Lúcia – a pouca distância de San Pedro, onde residiam os pais de Lilian e Enrique) Jorge Rulli, militante da resistência Peronista, passou a coordenar as atividades de campo e a fazer reuniões políticas, as quais Enrique Ernesto Ruggia e Esteban Cascote (amigo de infância de Enrique) passaram a frequentar e a praticar ações de militância. Jorge Rulli durante as atividades de campo e militância, apresentou a Enrique Ernesto e Esteban a senhora Marta Munátegui (militante de esquerda no Chile, exilada em Buenos Aires após a queda de Allende) e seu filho Gabriel (16 anos). Segundo Lilian Ruggia, foi através de Marta que Enrique Ernesto conheceu o brasileiro Joel José de Carvalho, acolhido para morar na fazenda experimental a convite de Jorge Rulli: “Enrique conhece Joel ali, no campus, fica muito amigo do Joel, ele conta as histórias do Joel, que era uma família dizimada pela repressão brasileira, para ele Joel era como ter... Como tocar o Che com as mãos, era uma família militante”.<sup>3</sup> Com a vinda da esposa e do filho recém-nascido, Joel José de Carvalho passou a morar no Hotel Cecil (Avenida de Maio, nº 1300, em Buenos Aires), destinado aos exilados políticos. Enrique Ernesto fazia visitas frequentes ao amigo Joel. Em 19 de junho de 1974, veio a falecer o pai de Lilian e Enrique. No velório do pai Atílio, Lilian Ruggia sinaliza ter conhecido Joel, Marta e Jorge Rulli. Naqueles dias, destaca Lilian: “Enrique tomou conhecimento de que Joel estava tentando a viajar ao Brasil, com supostas tarefas revolucionárias, e imagino o quando Enrique deve ter insistido para se unir ao grupo”.<sup>4</sup>

Com a morte de Perón, em 1º de julho de 1974, o aparato de repressão argentino endureceu, agindo com rigor sobre os *Montoneros* e o Exército Revolucionário do Povo (ERP). Nilson Cesar Mariano, em sua pesquisa sobre os *Montoneros*, pontua que Enrique Ernesto Ruggia tentou integrar no grupo dos *Montoneros*, mas “fora recusado devido à falta de adestramento com armas, poderia ser aceito apenas para tarefas políticas, como distribuir panfletos. Proibido temporariamente de vestir o impecável uniforme dos *Montos* (calça azul-marinho, camisa azul-celeste e jaqueta de couro preta, estilo aviador), aproximou-se de cinco brasileiros que estavam refugiados em Buenos Aires”.<sup>5</sup> A recusa dos *Montoneros* fez Enrique Ernesto Ruggia aderir aos planos e à causa dos brasileiros exilados em Buenos Aires, ex-membros da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Além de Joel José Carvalho e Daniel José de Carvalho, Enrique conheceu, entre fins de junho e início de julho de 1974, José Lavecchia, Vitor Carlos Ramos e Onofre Pinto. Nilson Mariano detalha que os brasileiros tinham planejado “reativar a guerrilha e matar o delegado Sérgio Paranhos Fleury, do DOPS de São Paulo. Queriam se vingar dos desfalques que Fleury causara nas organizações de esquerda com torturas e assassinatos. Odiavam a Fleury principalmente pela tática de infiltrar

<sup>1</sup> RUGGIA, Lilian. Depoimento realizado em Buenos Aires, em 22 de maio de 2012. In: PADRÓS, Enrique Serra; VIVAR, Jorge Eduardo Enriquez (orgs). *Memórias da resistência e da Solidariedade: o Movimento de Justiça e Direitos Humanos contra as ditaduras do Cone Sul e sua Conexão Repressiva*. Porto Alegre: ASF-Brasil, 2013. p. 400.

<sup>2</sup> RUGGIA, Lilian. Depoimento 29, ... Op. Cit. p. 400

<sup>3</sup> RUGGIA, Lilian. Depoimento 29, ... Op. Cit. p. 401.

<sup>4</sup> RUGGIA, Lilian. Depoimento 29, ... Op. Cit. p. 401.

<sup>5</sup> MARIANO, Nilson Cesar. *Montoneros no Brasil*. Terrorismo de Estado no sequestro-desaparecimento de seis guerrilheiros argentinos. Porto Alegre, PUC-RS, 2006. p. 45. [Dissertação de mestrado em História].

traidores, os 'cachorros' do jargão repressivo, como o famigerado Cabo Anselmo".<sup>6</sup>

Onofre Pinto, arquiteto daqueles planos, não sabia, porém, que já estava em andamento a "Operação Juriti", coordenada pelos coronéis José Brandt Teixeira e Paulo Malhões. A referida operação tinha por meta, segundo Aluizio Ferreira Palmar, "atrair exilados brasileiros de volta ao território nacional e eliminá-los. O extermínio ficaria sob responsabilidade do major Sebastião Rodrigues Curió".<sup>7</sup> O ex-sargento Alberi Vieira dos Santos (um dos mentores da Operação Três Passos/ RS, em 1965, e um dos fundadores da VPR junto com Onofre Pinto), após várias sessões de tortura no Batalhão do Exército em Foz do Iguaçu (por ocasião de sua prisão com o desmantelamento da Operação Três Passos, na cidade de Capitão Leônidas Marques, Oeste do Paraná) foi convencido a se tornar um dos colaboradores dos militares e um dos "cachorros" de Paulo Malhões. Após a chegada de Onofre Pinto à Buenos Aires, o Sargento Alberi passou a visitá-lo com o intuito de convencê-lo a voltar clandestinamente ao Brasil para organizar um novo movimento de guerrilha. Assim como Onofre Pinto, José Lavecchia, Vitor Carlos Ramos e os irmãos Joel José de Carvalho e Daniel José de Carvalho viram no Sargento Alberi uma oportunidade de derrubar o governo ditatorial e edificar o socialismo. Aluizio Ferreira Palmar, que também estava exilado em Buenos Aires e mantinha contato com Onofre Pinto, diz ter sido convidado a integrar o grupo mas, ele e outros militantes, desconfiaram das intenções de Alberi e decidiram não regressar ao Brasil.<sup>8</sup>

Lilian Ruggia, em depoimento à Comissão de Anistia do Brasil, lembra que seu irmão tinha confidenciado a ela que iria para o Brasil junto com Joel: "Olha vou ao Brasil com Joel e outras pessoas. Compra O Globo, porque vamos fazer algo que vai sair nos jornais. Eu imaginava alguma ação de propaganda, ou algum sequestro ou alguma coisa, uma ação política. Fiquei meio petreficada [...] ele me disse: volto em uma semana, dez dias".<sup>9</sup> 11 de julho de 1974 é a data que aparece em diferentes documentos e depoimentos, como sendo a do início da viagem ao Brasil. No entanto, não sabiam eles que Alberi (com cooperação argentina) havia informado as Forças Armadas do Brasil sobre os planos do "Grupo do Onofre", em 14 de junho de 1974. Uma semana depois, o serviço de inteligência do III Exército (hoje comando militar do Sul, em Porto Alegre) expediu Pedido de busca nº 54 (Telex) alertando sobre o plano da VPR na Argentina: "dá conta provável vinda Onofre Pinto próximos dias a fim de executar operação de muita importância... solicita-se intensificar vigilância a fim de capturar nominado".<sup>10</sup>

Aluizio Ferreira Palmar, depois de décadas de pesquisas sobre o desaparecimento do "Grupo do Onofre" e verificações de informações que recebia (ora de militares, ora de civis), além de ter recebido apoio de outras pessoas e de órgãos governamentais, construiu um possível roteiro e o desfecho da viagem que Enrique Ernesto Ruggia empreendeu ao Brasil. Segundo Palmar, Onofre Pinto, Joel, Daniel, Vitor, Enrique e Lavecchia partiram de Buenos Aires rumo a Posadas, onde se encontraram com Alberi Vieira dos Santos. Todos viajaram de ônibus para a cidade argentina de San Antonio, fronteira com o Brasil vizinha à cidade de Santo Antonio do Sudoeste (sudoeste do Paraná). Não tiveram problemas para passar a fronteira, ainda que sob vigilância de militares. Embarcaram numa Rural Willys, dirigida por Otávio Rainolfo da Silva (agente do CIE) e seguiram para Capanema, mais precisamente, no sítio de Niquinho Leite, tio de Alberi. Já era dia 12 de julho de 1974 quando chegaram ao sítio, suposta base da VPR, no entender do "Grupo do Onofre". No dia 13 de julho, traçaram planos para a ação noturno daquele dia: assaltar uma agência do Banco do Estado do Paraná, em Medianeira, e, em seguida, iriam para um acampamento dentro do Parque Nacional do Iguaçu. Onofre Pinto não integrou o grupo para ação em Medianeira. Ficou no sítio estudando mapas para ações futuras. Reencontraria os companheiros no outro dia, no acampamento. Com a Rural Willys, Otávio (motorista), Alberi, Daniel, Enrique, Lavecchia e Vitor chegaram ao

<sup>6</sup> MARIANO, Nilson Cesar. *Montoneros no Brasil...* Op. Cit. p. 45.

<sup>7</sup> PALMAR, Aluizio Ferreira. *Onde foi que vocês enterraram nossos mortos?* 2ª ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2005. p. 217. [versão digital disponibilizado pelo autor na www]

<sup>8</sup> PALMAR, Aluizio Ferreira. *Onde foi...* Op. Cit. p. 11 e 65.

<sup>9</sup> RUGGIA, Lilian. Depoimento 29, ... Op. Cit. p. 402-403.

<sup>10</sup> Telex Pedido de Busca nº 54, de 21 de junho de 1974. Arquivos do DOPS do Rio Grande do Sul. Citado por MARIANO, Nilson Cesar. *Montoneros no Brasil...* Op. Cit. p. 46.

Porto Lupion, às margens do rio Iguçu, atravessando o rio via balsa. A certa altura do Caminho do Colono, dentro do Parque Nacional do Iguçu, estariam escondidas as armas para levar a cabo a ação noturna em Medianeira. Depois de rodar seis quilômetros, junto a uma curva fechada, pararam junto à uma clareira. Ao descerem da Rural, Lavecchia, Vitor, Joel, Daniel e Enrique foram surpreendidos pelos faróis tipo Cibié dos veículos militares, seguido de intensos disparos de armas de fogo. “Após o tiroteio a floresta foi tomada pelo silêncio, apenas interrompido pelo barulho dos coturnos dos militares do grupo de extermínio que saíam de seus esconderijos para fazer um balanço da chacina. Os faróis tipo Cibié continuaram ligados, e enquanto um soldado negro e parrudo fazia o confere dos mortos, as demais criaturas da morte mantinham-se em posição de combate. No chão, entre folhas e entrelaçado por cipós, o jovem Enrique Ernesto Ruggia ainda estava vivo e, tal como o Che, teimava em perseguir seu sonho de libertar a América Latina do domínio norte-americano e implantar o socialismo. Guevara em 8 de outubro de 1967 na selva boliviana; ele em 13 de julho de 1974 no Parque Nacional do Iguçu. [...] A ordem era matar, e uma descarga final de pistola tirou o último sopro de vida de Enrique Ruggia. Em seguida, os soldados carregaram os corpos ainda quentes e os jogaram numa cova que haviam preparado no finzinho da tarde”.<sup>11</sup> Onofre Pinto foi preso no dia seguinte, no mesmo lugar em que foram mortos os companheiros de viagem. Foi morto em Foz do Iguçu, após interrogatórios. Pouco se sabe em relação à localização de seu cadáver.

---

<sup>11</sup> PALMAR, Aluizio Ferreira. *Onde foi...* Op. Cit. pp. 153 a 158.

Criado em 07/07/2005 - 09:30 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Desaparecidos no Sudoeste do Paraná

## Desaparecidos no Sudoeste do Paraná



**Onofre Pinto** – Nascido em Jacupiranga (SP), em 1937. Sargento do Exército, foi expulso com o golpe de 1964 por ter participado do Movimento dos Sargentos, tendo seus direitos políticos cassados e preso em 1966. Militante da VPR, era conhecido como Augusto e foi preso em 1969, liberado em troca do embaixador americano Charles Burke Elbrick, em setembro de 1969, sendo enviado para o México. Depois de morar em Cuba e posteriormente no Chile. Com o golpe que derrubou o presidente Salvador Allende, em setembro de 1973, ele morar em Buenos Aires. Segundo documentos do DOPS, a carteira de identidade que Onofre usava em 1973, quando fugiu do Chile para a Argentina, constava o nome de Francisco Wilton Fernandes. Outro ponto da ficha pede a captura dele em toda a fronteira, em 11 junho de 1974, pois sua missão ao Brasil já era conhecida. Desapareceu aos 37 anos.

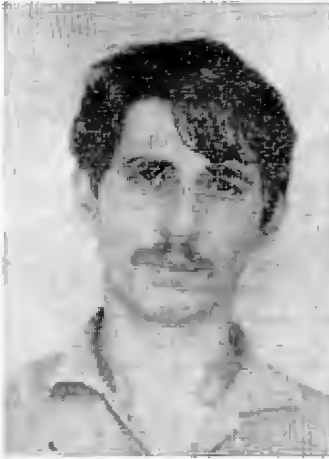


**José Lavechia** – Nascido em 1919, em São Matheus (RJ), foi militante do PCB e depois da VPR. Sapateiro de profissão, era conhecido como Zé, Adriano e Nicola. Participou da guerrilha do Vale da Ribeira. Preso por agentes de segurança, foi libertado em troca do embaixador da Alemanha Ocidental, tendo sido banido para a Argélia em 15 de junho de 1970. Após ter morado em Cuba, foi para o Chile. Com o golpe militar que derrubou o presidente Salvador Allende, se asilou na Embaixada da Argentina em Santiago e mais tarde foi para Buenos Aires. Desapareceu quando tinha 55 anos.



**Daniel José de Carvalho** – Nascido em Muriaé (MG), motorista e torneiro mecânico. Militante do PCB, do Movimento Revolucionário Tiradentes e finalmente VPR. Era conhecido como Josué. Preso em outubro de 1970 pela OBAN, foi barbaramente torturado. Foi banido do Brasil em 13 de janeiro de 1971, indo para o Chile juntamente com 69 outros presos políticos, por ocasião do seqüestro do embaixador suíço Giovanni Bucher. Permaneceu naquele país até o golpe militar que derrubou o presidente Salvador Allende. Foi para Buenos Aires depois de estar asilado na Embaixada da Argentina em Santiago.

**Joel José de Carvalho** – Nascido em Muriaé (MG), irmão de Daniel, era operário gráfico. Militante do PCB, depois do Movimento Revolucionário Tiradentes e VPR. Preso em outubro de 70 pela OBAN. Banido junto com o irmão para o Chile permaneceu neste país até o golpe de setembro de 73, quando asilou-se na



Embaixada Argentina em Santiago e de lá foi para Buenos Aires.

**Vitor Carlos Ramos (sem foto)** – Nascido em 18 de janeiro de 1944. Militante da VPR, foi para o Uruguai em 1969, onde entrou ilegalmente. Do Uruguai foi para o Chile onde ficou até a queda do presidente Allende. O golpe militar no Chile obrigou os refugiados a buscarem asilo nas embaixadas situadas em Santiago. Tal como Lavéchia e o irmãos Carvalho, Vítor se asilou na Embaixada da Argentina e de lá seguiu para Buenos Aires. Em 11 de julho de 1973 integrou o grupo que saiu da Argentina para ingressar clandestinamente no Brasil.



**Enrique Ernesto Ruggia** – Argentino, estudante de veterinária na Universidade de Buenos Aires. Apesar de idéias socialistas não havia tido militância em nenhuma entidade ou partido da época. Desapareceu aos 18 anos de idade. Sua irmã Lilian Ruggia se dedica há anos à busca de informações sobre seu paradeiro.

**LEIA MAIS:**

## LEIA MAIS

- 1) Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguçu
- 2) Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono
- 3) Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz
- 4) Escavação mobilizou governo e argentinos
- 5) Antes, Nova Aurora era alvo das atenções
- 6) “Obstinação” culmina em descoberta de testemunha
- 7) Desaparecidos no Sudoeste do Paraná

**URL de origem:** <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>

### Links:

- [1] <http://www.h2foz.com.br/noticia/ditadura-executou-guerrilheiros-no-parque-do-iguacu>
- [2] <http://www.h2foz.com.br/noticia/cinco-morreram-perto-da-estrada-do-colono>
- [3] <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>
- [4] <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>
- [5] <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>
- [6] <http://www.h2foz.com.br/noticia/obstinacao-culmina-em-descoberta-de-testemunha>
- [7] <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>



Criado em 08/07/2005 - 13:53 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Ditadura executou guerrilheiros no Parque do Iguaçu

## Ditadura executou guerrilheiros no Parque do Iguaçu

O surgimento de uma testemunha do desaparecimento de seis guerrilheiros no Paraná durante a ditadura militar reacendeu as buscas pelos restos mortais dos revolucionários. Suas revelações redirecionaram o foco das investigações, antes voltadas para outras regiões do estado, ao Parque Nacional do Iguaçu, onde as evidências indicam estarem as ossadas. O governo federal já realizou uma escavação ao local indicado, mas prefere resguardar os detalhes da missão oficial.

*Revelação é de testemunha que presenciou a cilada montada pelo Exército para atrair e aniquilar revolucionários; governo federal realiza escavação na floresta em busca de ossadas*

O surgimento de uma testemunha do desaparecimento de seis guerrilheiros no Paraná durante a ditadura militar reacendeu as buscas pelos restos mortais dos revolucionários. Suas revelações redirecionaram o foco das investigações, antes voltadas para outras regiões do estado, ao Parque Nacional do Iguaçu, onde as evidências indicam estarem as ossadas. O governo federal já realizou uma escavação ao local indicado, mas prefere resguardar os detalhes da missão oficial.

A testemunha trouxe informações inéditas sobre o paradeiro de cinco remanescentes da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e de um argentino que saíram da Argentina com o sonho de promover ações armadas no Sul do Brasil, porém desapareceram ao ingressar em território paranaense, em julho de 1974. O nome e perfil da fonte são mantidos em segredo.

A fonte garante que a última caminhada do grupo de Onofre Pinto ocorreu na unidade de conservação. Depois de entrar no Brasil por Santo Antonio do Sudoeste, na fronteira com Argentina, os revolucionários foram aniquilados dentro do Parque Nacional do Iguaçu, próximo à Estrada do Colono (antigo atalho que cortava a floresta, encurtando a distância entre Capanema, no Sudoeste, e Serranópolis do Iguaçu, no Oeste).



**Desvios** - Antes das revelações de “Roberto” (nome fictício), as versões extra-oficiais surgidas ao longo das últimas décadas apontavam que o Exército havia montado uma armadilha para atrair, ludibriar e executar os guerrilheiros, porém elas jamais conseguiram indicar com clareza as circunstâncias das mortes e o local da cova onde os corpos foram enterrados. Havia, inclusive, suspeitas da operação ter acontecido mesmo no Parque Nacional do Iguaçu, mas nada contundente.

A falta de elementos cabais sempre atrapalhou as investigações. Algumas pistas até resultaram em outra expedição oficial, como foi o caso das escavações frustradas em Nova Aurora, em agosto de 2001. Vale destacar que as Forças Armadas nada contribuem para elucidar o caso — situação mantida até hoje em virtude do acesso de documentos oficiais dos quartéis continuarem herméticos aos civis.

Por outro lado, em 2002, outra linha de investigação encontrou em documentos dos arquivos da Polícia Federal de Foz do Iguaçu e da Itaipu Binacional sinais que os personagens eram vigiados pela Operação Condor, porém os papéis não mencionavam uma linha sequer da chacina. O acordo de cooperação para o combate articulado entre os serviços de inteligência de países sul-americanos que viviam sob ditadura vingou nos anos 70 e 80.

Contudo, dois anos depois, algumas anotações extraídas daqueles montes empoeirados seriam fundamentais para um ex-líder da Vanguarda Popular Revolucionária e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) completar outra linha de apuração, desta vez desenvolvida no Rio Grande do Sul. Ao juntar as peças, foi possível encontrar a pessoa que diz presenciado o extermínio do grupo de Onofre Pinto.



Com base nos dados do informante, o governo federal foi a campo. Embora oficial, a diligência encabeçada pela Secretaria Especial de Direitos Humanos foi mantida em silêncio sob o argumento de evitar falsa expectativa em torno da averiguação por parte de familiares, amigos das vítimas e de entidades que tentam esclarecer essa página da história brasileira.

A investida no Parque Nacional do Iguaçu iniciou em 5 de maio, mobilizando mais de 20 pessoas de seis órgãos governamentais e um internacional: Estudos de Antropologia da Argentina, da Secretaria Especial de Direitos Humanos, da Polícia Federal, 34º

Batalhão de Infantaria Motorizada, do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis), Polícia Florestal, Exército, além de mateiros.



Criado em 07/07/2005 - 09:46 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Cinco morreram perto da Estrada do Colono

## Cinco morreram perto da Estrada do Colono

Conforme a fonte, o grupo cruzou o Rio Iguaçu numa balsa, seguiu numa Rural Willys pela Estrada do Colono, rodou cinco quilômetros e desembarcou do veículo para pegar as armas que estariam num esconderijo à margem do caminho. Caminhou a pé uns 50 metros até ser surpreendido pelo pelotão, executado e enterrado na floresta.

*Refugiados na Argentina, grupo aceitou convite de ex-sargento para retomar ações armadas no Paraná; foram executados quando "iriam" expropriar um banco em Medianeira*

O ambiente não é bom para a esquerda em 1973, com várias ditaduras militares espalhadas pela América do Sul. O general Emilio Garrastazu Médici governa o Brasil. Na Argentina, o Partido Justicialista (PJ), a legenda peronista, está dividido entre montoneros (esquerda) e anticomunistas. A situação preocupa cinco refugiados no país vizinho, mas não os intimida a encampar um plano de retorno ao solo tupiniquim.

Onofre Pinto, 37 anos; Daniel José de Carvalho, 29; José Lavechia, 55 e irmão de Daniel; Joel José de Carvalho, 26; Vítor Ramos, 30, aceitam o convite do ex-sargento da Brigada Militar do Rio Grande do Sul Albery Vieira dos Santos para promover a luta armada no Paraná. O grupo recebe ainda a adesão do argentino Enrique Ernesto Ruggia, que aos 18 anos larga a Faculdade de Agronomia e Veterinária de Buenos Aires.



**Onofre Pinto Joel Carvalho Daniel Carvalho**



**José Lachevia**



**Enrique Ruggia**

Os seis ignoram, entretanto, a desconfiança que recai sobre Albery. Paira sobre o ex-sargento suspeitas quanto à participação no vazamento de informações que resultaram nas mortes de companheiros. Os refugiados acatam a estratégia: em julho de 1974 saem de Buenos Aires, passam por Posadas, capital da província (estado) de Misiones, e seguem até uma suposta base montada numa serraria no Sudoeste do Paraná.

**Novo capítulo** - Essa é a trajetória registrada pela maioria das versões colhidas nos últimos anos. Os passos descritos a seguir compõem a investigação feita pelo jornalista Aluizio Ferreira Palmar, 62, ex-líder do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) e da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Foi ele que, após anos de insistência, encontrou a pessoa que diz ter testemunhado a emboscada.

Também refugiado na Argentina à época, Palmar chegou a ser convidado por Albery para ingressar na “Frente Sul”, mas declinou do pedido por desconfiar do ex-sargento. Desde o desaparecimento dos companheiros, ele tem dedicado atenção para elucidar o caso. “De 1979, quando voltei do exílio, para cá vasculhei arquivos e ouvi dezenas de pessoas. Buscar os desaparecidos virou uma obsessão”, resume o jornalista, que hoje mora em Foz do Iguaçu.

**Rumo à morte** – Os guerrilheiros chegaram no lado brasileiro da fronteira em 12 de julho de 1974. Embarcaram numa Rural Willys, dirigida por “Roberto”, e seguiram para um sítio, a tal “base camponesa da organização revolucionária” coordenada pelos “revolucionários” Albery e “Roberto”. Não sabiam que Albery era a isca para uma armadilha, “Roberto” era um membro do Centro de Inteligência do Exército.

No dia seguinte, ao anoitecer, Joel, Daniel, Vítor, Lavéchia e Enrique saíram com Albery e “Roberto” para cumprir a primeira parte da missão. Eles entrariam na Estrada do Colono, pelo lado de Capanema (Sudoeste) rumo a Medianeira (município que fica na ponta oposta da estrada, já no Oeste), onde iriam expropriar uma agência do Banco do Brasil. Onofre permaneceu na fazenda supostamente por ter sua foto estampada em cartazes de “procura-se”, o que poderia levantar suspeitas do povo.



Conforme “Roberto”, eles cruzaram o Rio Iguaçu numa balsa, seguiram na Rural Willys pela Estrada do Colono, rodaram cinco quilômetros e desembarcaram do veículo para pegar as armas que estariam num esconderijo à margem do caminho. Caminharam a pé uns 50 metros até serem surpreendidos pelo pelotão. “Roberto” e Albery (foto) teriam se jogado ao chão, enquanto os soldados executavam o extermínio.

De acordo com relato do informante, os militares, após certificarem que os cinco estavam mortos, jogaram os corpos numa cova, aberta no finzinho daquela tarde. Estava cumprida com êxito a “missão de atrair, iludir, enganar e matar” os guerrilheiros da Vanguarda Popular Revolucionária”. Restava apenas eliminar o último dos integrantes da VPR, Onofre Pinto.

(Portal H2FOZ – Alexandre Palmar)

**LEIA MAIS**

**LEIA MAIS**

1) Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguaçu

2) Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono

3) Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz

Criado em 07/07/2005 - 09:32 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz

# Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz

*Exército tentou persuadir remanescente da VPR, que não “colaborou com a repressão” e foi morto, diz fonte*



Após cumprir a primeira parte do extermínio, Albery Vieira dos Santos retornou com “Roberto” ao sítio no qual estava Onofre Pinto (foto). Serenos, os dois contaram ao remanescente da Vanguarda Popular Revolucionária sobre o “sucesso da expropriação do banco”. A próxima etapa do plano era encontrar os colegas, acampados na floresta, para recompor o grupo.

Onofre Pinto percorreu o mesmo trajeto. Cruzou o Rio Iguaçu numa balsa, andou cinco quilômetros na Rural Willys, desceu do carro para encontrar os amigos e, assim como eles, caiu na armadilha, contou “Roberto”. O destino de Onofre, no entanto, foi um pouco diferente, conforme relato da fonte. Segundo ela, num primeiro momento, a vida dele foi poupada.

Sem a máscara, o ex-sargento contou a verdade e alertou o sobrevivente: ele teria a vida poupada caso colaborasse com a repressão, passando informações sobre militantes e denunciando a estrutura da VPR, que àquela altura estava em completa desestruturação. A ditadura acreditava que ela tinha muito a informar, afinal Onofre Pinto pertencera ao agrupamento inicial da organização, em 1968.

Mesmo a VPR tendo sofrido um baque com a morte de seis militantes em Pernambuco, em 1973, que levaria ao seu fim meses depois, era importante extrair ao máximo de Onofre Pinto para aniquilar outros revolucionários. Afinal a vanguarda fizera forte resistência aos militares, contara com adesão do capitão do Exército Carlos Lamarca e assumira a autoria dos seqüestros dos diplomatas japoneses, suíço e alemão.

A revelação do massacre feito por Albery soou para Onofre como um alerta para ele colaborar com a repressão, mas isso não iria ocorrer. Conforme “Roberto”, Onofre foi levado para Foz do Iguaçu e ficou numa casa de propriedade do Exército, próximo ao Rio Paraná, usada para trânsito e hospedagem de militares e agentes da Polícia Federal.

Passou um tempo e nada do emblemático dirigente — o mesmo que um dia fora trocado pelo embaixador norte-americano, em 1969 — revelar fatos novos. A conclusão dos opressores era que ele nada teria a acrescentar, tampouco serviria para ser usado como isca porque estava desgastado perante os companheiros em virtude de fracassos anteriores. Na reprodução de cartaz, Onofre é o segundo (da esquerda para direita) na primeira fileira.

Conforme “Roberto”, Onofre Pinto foi morto com uma dose de veneno na veia, seu ventre foi cortado e entre suas tripas foi colocada uma caixa de câmbio de um jipe. Seus restos mortais teriam sido jogados no Rio São



(Portal H2FOZ - Alexandre Palmar)

### LEIA MAIS

1) Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguacu

2) Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono

3) Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz

4) Escavação mobilizou governo e argentinos

5) Antes, Nova Aurora era alvo das atenções

6) "Obstinação" culmina em descoberta de testemunha

7) Desaparecidos no Sudoeste do Paraná

**URL de origem:** <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>

#### Links:

[1] <http://www.h2foz.com.br/noticia/ditadura-executou-guerrilheiros-no-parque-do-iguacu>

[2] <http://www.h2foz.com.br/noticia/cinco-morreram-perto-da-estrada-do-colono>

[3] <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>

[4] <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>

[5] <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>

[6] <http://www.h2foz.com.br/noticia/obstinacao-culmina-em-descoberta-de-testemunha>

[7] <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>

Criado em 07/07/2005 - 09:26 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Escavação mobilizou governo e argentinos

## Escavação mobilizou governo e argentinos

Se antes o Parque Nacional do Iguaçu era apenas mais um entre os tantos locais cogitados como desova dos remanescentes da Vanguarda Popular Revolucionária, hoje, com novos elementos acrescentados à história, a suspeita é tratada como algo factível. Mas a expedição na mata para encontrar a cova coletiva não alcançou o objetivo traçado.

Se antes o Parque Nacional do Iguaçu era apenas mais um entre os tantos locais cogitados como desova dos remanescentes da Vanguarda Popular Revolucionária, hoje, com novos elementos acrescentados à história, a suspeita é tratada como algo factível. Mas a expedição na mata para encontrar a cova coletiva não alcançou o objetivo traçado.

As primeiras diligências in loco foram feitas em dezembro de 2004. Acompanhado de Adão Almeida, agente da Polícia Federal, "Roberto" retornou à estrada, reafirmou o que tinha visto 30 anos atrás e apontou o local onde ocorreu a cilada.



O local foi demarcado com coordenadas geográficas de um GPS (aparelho de sistema de posicionamento global).

Em 21 de março aconteceu a segunda delimitação da área, desta vez tendo o policial e servidores do Ibama (Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis). O objetivo era improvisar um heliponto, que receberia o material da logística e equipe da escavação. Os técnicos argentinos pisaram no parque dias depois, pensando em iniciar o trabalho, mas desistiram devido à falta de infra-estrutura.

A operação iniciou em 5 de maio, reunindo no acampamento cinco soldados do 34º Batalhão de Infantaria Motorizada, dois policiais florestais, biólogos do Ibama e pessoal de suporte. No dia seguinte, chegaram ao local o policial federal, os dois técnicos do Estudos de Antropologia da Argentina, a secretária-executiva da Secretaria Especial de Direitos Humanos, Simone Botelho. No dia 8, o jornalista Aluizio Palmar.



A busca começou nos arredores da área onde teria acontecido a cilada, com a ajuda de um aparelho que aponta a existência de metal. A expectativa era achar cápsulas ou outros objetos metálicos. Com base em sinais da presença de ferro, foram abertas duas valas, com 1 metro de profundidade, 0,80 metro de largura e 1,8 metro de comprimento. Sem sucesso.

Quando pensavam abrir o terceiro buraco, os argentinos recuaram e avaliaram que se tratava de uma busca difícil.

Necessitavam de coordenadas com o mínimo de margem de

erro. Num último suspiro ainda começaram algumas escavações em locais assinalados por depressões

quadrangulares e retangulares, mas logo em seguida desistiram completamente.

Os mateiros até tentaram indicar outros possíveis pontos da suposta cova, como lugares de depressão com montículos de terra na beirada (o monte seria a terra que sobrou da abertura do eventual buraco). A hipótese, entretanto, não foi encampada porque se acredita que o meio ambiente mudou muito devido às ações do tempo nas últimas três décadas.

“Estivemos muito perto de encontrar os restos mortais. As informações eram certas, detalhadas, faltou, entretanto, precisar a localização da valeta”, lamentou Aluizio Palmar. Em sua opinião, provavelmente o sítio onde os companheiros foram enterrados está coberto por estratos da natureza, como folhas, taquaras, samambaias e vegetações rasteiras.

Segundo Palmar, “Roberto” diz ter testemunhado a emboscada, mas não viu a desova dos corpos, portanto a indicação da cova ficou prejudicada. “É um aspecto limitador, temos a área da cilada e o raio onde estão as ossadas, mas é infrutífero abrir dezenas de buracos em busca delas”, completou.

Para o jornalista, contudo, tão importante quanto achar a cova “é ter restabelecido a verdade. Lavéchia, Daniel, Joel, Victor e Ernesto foram enterrados no Parque Nacional do Iguaçu. O corpo de Onofre Pinto foi jogado num rio”. O desfecho do caso acontecerá com o amadurecimento da investigação ou com o surgimento de outra testemunha que facilitem a realização de uma nova escavação, conclui.

**(Portal H2FOZ – Alexandre Palmar)**

## **LEIA MAIS**

- 1) Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguaçu
- 2) Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono
- 3) Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz
- 4) Escavação mobilizou governo e argentinos
- 5) Antes, Nova Aurora era alvo das atenções
- 6) “Obstinação” culmina em descoberta de testemunha
- 7) Desaparecidos no Sudoeste do Paraná

**URL de origem:** <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>

### **Links:**

- [1] <http://www.h2foz.com.br/noticia/ditadura-executou-guerrilheiros-no-parque-do-iguacu>
- [2] <http://www.h2foz.com.br/noticia/cinco-morreram-perto-da-estrada-do-colono>
- [3] <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>
- [4] <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>
- [5] <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>
- [6] <http://www.h2foz.com.br/noticia/obstinacao-culmina-em-descoberta-de-testemunha>
- [7] <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>

Criado em 07/07/2005 - 09:29 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > Antes, Nova Aurora era alvo das atenções

## Antes, Nova Aurora era alvo das atenções



Ney de Souza/Arquivo

Quatro anos atrás o Paraná e o Brasil viram uma grande mobilização, encabeçada pela Comissão de Direitos Humanos (CDH), do Ministério da Justiça, em busca dos remanescentes da Vanguarda Popular Revolucionária. De 2 a 4 de agosto de 2001, uma equipe dos Estudos de Antropologia da Argentina deu continuidade as buscas preliminares feitas em maio daquele ano em Nova Aurora (61 km ao norte de Cascavel).

Eles escavaram em pontos indicados por varredura prévia do solo. Este rastreamento apresentava indícios de serem verídicas as pistas fornecidas por um ex-militar do Exército. Após ler uma reportagem sobre a Operação Condor, publicada em 2000, ele ligou para Aluízio Palmar e garantiu que os corpos estavam enterrados num trigal à beira da PR 239, onde antes existia uma pista de pouso utilizada pelas Forças Armadas.



As buscas, entretanto, não tiveram êxito, frustrando a todos, inclusive parentes das vítimas que viajaram até a região para acompanhar a diligência. Por esse motivo a Secretaria Especial de Direitos Humanos (SEDH) optou por resguardar a operação desencadeada no Parque Nacional do Iguaçu. Hoje, os familiares já sabem da expedição do governo federal.

Mas qual é a diferença no peso das informações que apontam a suposta desova em Nova Aurora e no Parque Nacional do Iguaçu? Perguntado sobre as razões para acreditar no testemunho de "Roberto", Aluízio enumera dois motivos: 1º) seu nome aparece em documentos encontrados no arquivo da Polícia Federal e foi citado por moradores da região como personagem do caso; 2º) ele admite participação na emboscada e conta detalhes.

**(Portal H2FOZ - Alexandre Palmar)**

**LEIA MAIS**

**LEIA MAIS**

- 1) Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguaçu
- 2) Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono
- 3) Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz

4) Escavação mobilizou governo e argentinos

5) Antes, Nova Aurora era alvo das atenções

6) "Obstinação" culmina em descoberta de testemunha

7) Desaparecidos no Sudoeste do Paraná

**URL de origem:** <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>

**Links:**

[1] <http://www.h2foz.com.br/noticia/ditadura-executou-guerrilheiros-no-parque-do-iguacu>

[2] <http://www.h2foz.com.br/noticia/cinco-morreram-perto-da-estrada-do-colono>

[3] <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>

[4] <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>

[5] <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>

[6] <http://www.h2foz.com.br/noticia/obstinacao-culmina-em-descoberta-de-testemunha>

[7] <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>



Criado em 07/07/2005 - 09:25 | Publicado em H2FOZ (<http://www.h2foz.com.br>)

[Início](#) > "Obstinação" culmina em descoberta de testemunha

## "Obstinação" culmina em descoberta de testemunha

*Ex-líder da VPR e do MR-8 fez contatos no Rio Grande do Sul, vasculhou arquivos empoeirados até encontrar fonte que revelaria o destino dos revolucionários*

O ex-líder da Vanguarda Popular Revolucionária (VPR) e do Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8) Aluizio Palmar percorreu um longo caminho para encontrar a pessoa que diz ter presenciado a emboscada do grupo de Onofre Pinto. Apesar do malogro em Nova Aurora, ele continuou a perseguir os passos dos companheiros até achar uma nova linha de investigação, no segundo semestre de 2004.

Em setembro o jornalista foi recompor as andanças de Albery em terras gaúchas. A idéia era falar com Valdetar Dornelles, um dos líderes da Operação Três Passos (guerrilha que movimentou o Noroeste do Rio Grande do Sul e o Sudoeste do Paraná, em março de 1965), com Ilone Schmaltz, viúva de Albery; e com o advogado dela.

A passagem por solo gaúcho acrescentou elementos à história numa espécie de efeito dominó. Ele encontrou integrantes da VPR em Três Passos até chegar a uma prima de Albery e viúva do proprietário do sítio onde fora montada a suposta base da VPR. Foi o filho dessa mulher que revelou uma importante pista.

Após relutar em falar, o filho contou o nome da pessoa que dirigia o carro no qual andava Albery. "Achei uma peça-chave. O nome do motorista eu já tinha lido, em 2002, nos documentos que pesquisei no arquivo da Polícia Federal. O nome daquele que seria minha fonte aparece no inquérito policial instaurado após a morte do Albery", contou Aluizio Palmar.



**Aluizio Palmar e Adão Almeida no acampamento no Paraque Nacional do Iguaçu**

dados dessa pessoa não tivessem aparecido em outra linha de investigação feita pelo jornalista. Em novembro de 2002, ele teve acesso aos arquivos da Delegacia da Polícia Federal de Foz do Iguaçu referentes aos anos de chumbo.

A medida atendia decisão do então ministro da Justiça, Paulo de Tarso Ramos Ribeiro, de abrir os arquivos da PF à Comissão Especial dos Mortos e Desaparecidos. O jornalista foi credenciado pela comissão para pesquisar os mandados de prisão, informes, radiogramas, ofícios recebidos e expedidos, dossiês e relatórios.

Após ler milhares de documentos em dois meses, ele saiu de lá com cadernos cheios de anotações (não pôde tirar fotocópias deles). Mas jamais passaria pela sua cabeça que o nome de um motorista anotado em um dos caderninhos iria ser citado pelo morador de Santo Antonio do Sudoeste como um personagem da história do desaparecimento do grupo de Onofre Pinto. Constatado o fato, bastava chegar à fonte.

Dias depois da conversa no Sudoeste seria feito, sempre através de um intermediário, o primeiro dos vários contatos com o motorista, que admitiu ter guiado o veículo que conduziu os revolucionários à emboscada em 13 de julho de 1974. "Roberto", nome fictício dado à fonte nesta reportagem, contou os detalhes daqueles dias que iriam provocar a escavação no Parque Nacional do Iguaçu.

(Portal H2FOZ – Alexandre Palmar)

## LEIA MAIS

## LEIA MAIS

- 1) [Ditadura executou guerrilheiros no Parque Nacional do Iguaçu](#)
- 2) [Revolucionários morreram à beira da Estrada do Colono](#)
- 3) [Líder do grupo, Onofre foi envenenado em Foz](#)
- 4) [Escavação mobilizou governo e argentinos](#)
- 5) [Antes, Nova Aurora era alvo das atenções](#)
- 6) ["Obstinação" culmina em descoberta de testemunha](#)
- 7) [Desaparecidos no Sudoeste do Paraná](#)

**URL de origem:** <http://www.h2foz.com.br/noticia/%E2%80%99Cobstinacao%E2%80%99D-culmina-em-descoberta-de-testemunha>

### Links:

- [1] <http://www.h2foz.com.br/noticia/ditadura-executou-guerrilheiros-no-parque-do-iguacu>
- [2] <http://www.h2foz.com.br/noticia/cinco-morreram-perto-da-estrada-do-colono>
- [3] <http://www.h2foz.com.br/noticia/lider-do-grupo-onofre-foi-envenenado-em-foz>
- [4] <http://www.h2foz.com.br/noticia/escavacao-mobilizou-governo-e-argentinos>
- [5] <http://www.h2foz.com.br/noticia/antes-nova-aurora-era-alvo-das-atencoes>
- [6] <http://www.h2foz.com.br/noticia/obstinacao-culmina-em-descoberta-de-testemunha>
- [7] <http://www.h2foz.com.br/noticia/desaparecidos-no-sudoeste-do-parana>

# Repressão matou guerrilheiros

□ Análise de informações feita pelo Movimento de Direitos Humanos mostra que a polícia brasileira cometeu os assassinatos na fronteira com Uruguai

O presidente do Movimento de Justiça e Direitos Humanos, Jair Krishke, disse ontem que um grupo brasileiro e um argentino ligados ao grupo guerrilheiro Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), desaparecidos durante os governos militares do Cone Sul, foram assassinados em 1974 pelos órgãos de repressão brasileiros na fronteira com o Uruguai. Krishke chegou a essa conclusão depois de cruzar as informações contidas nos arquivos secretos dos Serviços de Ordem Política e Social (SOPS), com o depoimento de Lilian Ruggia de Farina, irmã do desaparecido argentino Enrique Ernesto Ruggia, e somar aos estudos de anos sobre o assunto. Os brasileiros que teriam sido mortos são: Onofre Pinto, Joel José de Carvalho, Daniel José de Carvalho, José Lavechiane e Vitor.

O elo final de uma longa série de informações desconstruídas foi a chegada de Lilian a Porto Alegre, na última quinta-feira. De férias em



Procura: Lilian tenta encontrar o irmão desde 1974.

Florianópolis com o marido Eduardo de Farina, a argentina tomou contato com as reportagens dos jornais brasileiros sobre a abertura dos arquivos do SOPS e decidiu procurar Krishke. Desde que Enrique, de 18 anos, lhe pediu dinheiro para viajar, no dia 8 de julho de 1974, Lilian está à procura do irmão.

Assim que a argentina citou para Jair o nome de Onofre Pinto, o quebra-cabeça começou a se encaixar. Onofre Pinto era um dos brasileiros que haviam saído de Buenos Aires

junto com Enrique, com o objetivo de entrar no Brasil pela fronteira com o Uruguai, no final de 1974. Essa informação foi obtida por Lilian depois de anos de contatos com pessoas ligadas a Joel José de Carvalho, um guerrilheiro de 26 anos, amigo de Enrique e ligado ao VPR.

**LAMARCA** — Onofre Pinto também era integrante do VPR, que tinha como líder um dos guerrilheiros mais procurados pela repressão, o ex-capitão do Exército Carlos La-

marca. Três pedidos de busca encontrados nos arquivos dos SOPS pedem para "intensificar a vigilância a fim de capturar" Onofre Pinto, que estaria para entrar no Brasil. O primeiro pedido possui data de 21 junho de 1974, enquanto que as listas de desaparecidos brasileiros falam em dezembro de 1973. Outro documento cita, além de Onofre, o nome de mais quatro brasileiros e um argentino. "Pelo depoimento de Lilian, está evidente que o seu irmão Enrique era este argentino", explica Krishke.

O grupo teria partido do Cecil Hotel — local onde o alto comissionado da ONU abrigava os exilados —, em 1974, de acordo com o relato de Flávio Souza, que também morava no hotel nesta época. Como as datas dos pedidos de busca dos SOPS — segunda metade de 1974 — correspondem à saída do grupo de guerrilheiros, tudo leva a crer que eles foram presos pela polícia brasileira na fronteira do Brasil com o Uruguai.

Além disso, Flávio garantiu a Lilian que "várias ambulâncias e sirenes", e "muita movimentação de policiais" foram observados na fronteira exatamente neste período. "Eles foram mortos lá, agora nos falta ainda descobrir onde estão os corpos", arrematou Krishke.

## Desaparecido não constava em nenhuma lista

Ao contrário da grande maioria dos que tiveram parentes desaparecidos durante o governo militar da Argentina, somente depois de descobrir o destino do seu irmão Enrique, foi que Lilian passou a integrar oficialmente "a grande família dos desaparecidos políticos", como dizem os argentinos. O caso de Lilian é tão curioso quanto doloroso. Como Enrique sumiu em 1974, dois anos antes do golpe militar, o seu nome não constava em nenhuma lista de desaparecidos da Argentina.

Além disso, Enrique não tinha participação em movimentos de esquerda ou partidos políticos. "Ele era um adolescente. Lembro que certa vez Enrique me disse que estava dividido entre correr de motocicleta e ser guerrilheiro. Me senti à margem neste tempo todo", confessou Lilian. O "erro" de Enrique foi ter ficado amigo de Joel José de Carvalho — guerrilheiro da VPR —, que ficou refugiado no campo de experimentos da Faculdade de Agronomia de Buenos Aires algum tempo, local onde o irmão de Lilian estudava. Provavelmente, convidado a viajar ao Brasil, Enrique aceitou. E nunca mais retornou.

CPI investigará

19/11/92  
5